

# LÍNGUA

# GRAMATICALIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES VÁ LÁ E VAMOS LÁ

**Ana Cláudia Machado Teixeira\***  
**Mariangela Rios de Oliveira\*\***

*Resumo:* Neste artigo, analisamos a gramaticalização de *vá lá* e *vamos lá* em contextos específicos, cuja maior vinculação de sentido e forma entre verbo e locativo constitui uma unidade básica maior – uma construção – sob a perspectiva de Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001). Aliam-se, assim, a abordagem da gramaticalização e mudança linguística às das teorias construcionais a partir da rotinização desses padrões de uso, visando à formação de um cline de integração semântico-sintática.

*Palavras-chave:* gramaticalização; construções; mudança linguística.

## INTRODUÇÃO

■ **C**om base em arcabouço teórico que alia as perspectivas funcional e cognitivista, promovemos uma análise das construções *vá lá* e *vamos lá* no que diz respeito aos fenômenos ligados à mudança linguística e relativos ao processo de gramaticalização, que levam tais construções a se rotinizar, sendo codificadas numa unidade em prol de um único sentido convencionalizado em contextos específicos.

\* Mestranda em estudos linguísticos na Universidade Federal Fluminense (UFF) e bolsista do CNPq.

\*\* Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, conselheira da Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro (Assel-Rio) e vice-coordenadora do grupo de trabalho "Descrição do português" da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll).

Parte-se da hipótese de que tais construções, em determinados ambientes, deixam de ser formadas por dois vocábulos independentes: um verbo lexical pleno e um advérbio locativo, para tornarem-se uma construção, uma unidade de sentido e forma usada em situações sintático-semânticas e discursivo-pragmáticas específicas. Os itens dessas unidades perdem sua autonomia e deixam de exprimir seu sentido original, passando a articular um novo sentido, em prol da eficiência comunicativa.

O objetivo deste artigo é investigar, sob o enfoque do funcionalismo linguístico, nos termos de Givón (2001), Bybee (2004), Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2003, 2006), Traugott (2004), Traugott e Dasher (2005), Votre, Martelotta e Cezário (2004), Erman e Warren (2000), entre outros, os padrões de uso das expressões *vá lá* e *vamos lá*, entendidas como uma *construção*, nos termos de Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001).

A dinâmica das transformações de sentido pelas quais tais construções passam pode ser interpretada pelos mecanismos de metaforização, metonimização e inferência sugerida, subjetificação e intersubjetificação, que permitem sua convencionalização dentro de contextos específicos. Os itens em estudo passam de um domínio concreto para um abstrato. Em *vá lá*, o verbo parte do domínio de deslocamento no espaço para um mais abstrato de deslocamento na expressividade, e o locativo parte de um sentido físico-espacial de lugar para um lugar na opinião, assim como *vamos lá*, em que o verbo passa a um domínio mais abstrato de deslocamento na intenção, e seu locativo, a um lugar na intenção. Ambas as trajetórias são abstratizadas metaforicamente.

Investigamos gêneros textuais que permitam observar o processo de gramaticalização, partindo de inquéritos, entrevistas, artigos de opinião, *blogs*, carta de leitores e comentários de *blogs*, onde se percebe a predominância do tipo textual argumentativo, expositivo e injuntivo.

## FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

De acordo com a concepção funcionalista, como Martelotta (2006), entendemos a gramática como o conjunto de padrões convencionais oriundos e reguladores do discurso, conhecidos e apropriados pelos usuários para a produção e recepção de frases e textos da língua. O discurso, por sua vez, conforme o mesmo autor, define-se como o uso efetivo das estratégias linguísticas, de modo individual e criativo, que permite as práticas interativas na comunidade linguística.

Tradicionalmente, o termo *gramaticalização* é entendido como um processo de mudança linguística em que determinados itens lexicais tendem a se tornar gramaticais ou, se gramaticais, tornam-se mais gramaticais. Nos termos de Traugott (2004) e Bybee (2004), a recente literatura tem expandido as fronteiras desse conceito. Por outro lado, nos termos de Traugott (2004) e Bybee (2004), a recente literatura tem expandido as fronteiras desse conceito e entende que não é mais suficiente defini-lo como um processo pelo qual um item lexical torna-se um morfema gramatical, mas como um processo que focaliza centralmente o desenvolvimento de lexemas em construções de contexto específico; o que torna as análises focadas em porções maiores de texto.

Para a abordagem de *vá lá* e *vamos lá*, partimos de quatro pressupostos funcionalistas associados aos mecanismos de mudança linguística. O primeiro, a metaforização, caracteriza-se pela mudança de significado de um item e/ou

construção que passa de um domínio cognitivo mais concreto para um mais abstrato. Nas unidades *vá lá* e *vamos lá*, percebe-se que os itens passam de um domínio concreto para um abstrato. O verbo *ir* parte do domínio de espaço – *ir a algum lugar* –, e o locativo *lá* parte do de lugar – *naquele lugar*, em direção a domínios mais abstratos onde se percebe um deslocamento na expressividade e intenção. Tal mudança ocasiona um enfraquecimento de seus sentidos originais em prol de um novo sentido único e pragmaticamente motivado.

Já o segundo pressuposto, a reinterpretação contextual ou metonimização, caracteriza-se pela extensão de sentido do item e/ou construção baseado no estabelecimento de um contato mental entre um ponto de referência e outro, mesmo que implicitamente. Segundo Traugott e Dasher (2005, p. 80), a metonímia passa a ser compreendida em termos dos contextos sintagmáticos da língua em uso, das associações, da contiguidade e da indexicalidade. Trata-se de uma poderosa alternativa para a metáfora, já que é a chave para a conceitualização da mudança semântica no contexto.

O terceiro pressuposto, ainda conforme Traugott e Dasher (2005), é a subjetificação, considerada um processo em que os falantes da língua ao longo do tempo tendem a demonstrar e codificar suas perspectivas e atitudes advindas das trocas interacionais.

A intersubjetificação, quarto pressuposto, decorrente da subjetificação, consiste num processo cujo foco está no ouvinte, ou seja, o falante passa a codificar significados em relação às atitudes do ouvinte. Dessa forma, pode-se dizer que a subjetificação está centrada no falante, e a intersubjetificação está centrada principalmente no ouvinte.

Na visão dos autores, a intersubjetificação não existe sem um grau de subjetificação. Isso porque o falante revela pontos de vista em andamento na negociação interacional da produção discursiva. A intersubjetificação ocorre quando esses pontos de vista, codificados, sinalizam a atenção particular do ouvinte.

### ABORDAGENS CONSTRUCIONAIS

De acordo com as abordagens construcionais, as construções *vá lá* e *vamos lá* – definidas como unidades linguísticas maiores que uma palavra, dotadas de forma e sentido (Goldberg, 1995) – são representantes dos fenômenos de variação e mudança linguística motivados pelo discurso.

Para Goldberg (2006), uma construção é um pareamento de forma e significado, ou seja, representa uma unidade de sentido. Segundo Goldberg (2006, p. 5, tradução nossa):

*Todos os níveis de análise gramatical envolvem construções: pareamentos aprendidos de forma com sentido ou com função discursiva, incluindo morfemas e palavras, expressões idiomáticas, padrões frasais gerais parcial ou totalmente plenos lexicalmente.*

Seguindo esse mesmo prisma, Croft (2001) diz que a gramática das construções surge do interesse em tratar um fenômeno problemático para o modelo linguístico componencial: *idiomas*, ou seja, expressões idiomáticas. Segundo esse autor, os *idiomas* são expressões linguísticas sintática e/ou semanticamente idiossincráticas em vários sentidos. Por serem maiores que palavras, sua introdução no léxico de uma língua precisa de alguns mecanismos especiais.

Croft (2001, p. 18) apresenta um modelo de estrutura simbólica para uma construção a partir do entendimento de construção como pareamento forma-sentido. Em sua abordagem, pode-se entender que as propriedades ligadas à forma abrangem os aspectos que são convencionalizados na construção, e as propriedades ligadas ao sentido abrangem os aspectos funcionais de uso. Segundo esse autor, o elo de correspondência simbólica entre as propriedades de uma construção é interno, ao contrário das análises componenciais, em que tal ligação é externa.

Tanto Goldberg (2006) como Croft (2001) se inserem num contexto mais amplo, em que estudam as construções por meio de uma gramática específica. Neste estudo, nossa pretensão é justamente utilizar esses conceitos para entender a gramaticalização das construções *vá lá* e *vamos lá* dentro de um contexto maior, visto que sua realização se insere sempre em um contexto específico. Desse modo, a gramaticalização das construções se realizaria na medida em que padrões de uso são rotinizados em determinados contextos e passam a compor um esquema mental acessível aos falantes. Para nossa proposta de estudo, o surgimento de usos padronizados se adapta a uma proposta construcional.

Para Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 11): “A construção inteira, e não simplesmente o significado lexical do ponto principal, é a precursora e, portanto, a fonte do significado gramatical”. De acordo com Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 11):

*Por causa da crescente autonomia e opacidade de sua estrutura interna, as construções são capazes de assumir novas funções discursivas que surgem a partir dos contextos em que são comumente usadas. Tais construções, a partir de motivação pragmático-discursiva e da frequência de uso, tornam-se convencionalizadas e, por consequência, mais disponíveis.*

Segundo Traugott (2008, p. 219-220):

*Considerando construções como objetos teóricos projetados para apreender as associações sistemáticas entre forma e significado, assumo que estas, concebidas em tradições recentes da gramática de construção, e especialmente da gramática radical de construção, fazem parte, possivelmente a totalidade, da construção de blocos de gramática.*

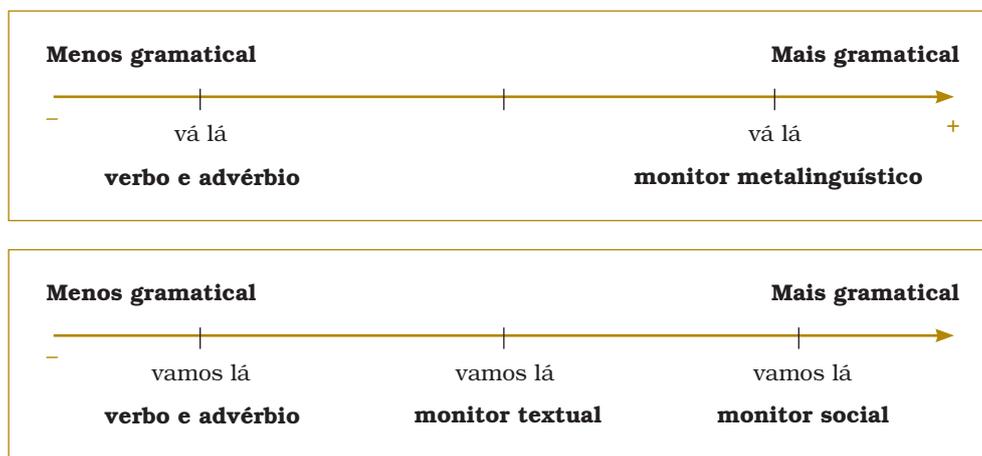
*Assumo também que gramaticalização, entendida como a saída do processo de uso da linguagem que leva a mudanças sistemáticas na forma morfosintática e no significado, é um tipo de mudança-base que pode levar à reorganização dos aspectos centrais sintagmáticos e paradigmáticos da linguagem.*

Com base nessas considerações, é coerente pensar numa aproximação entre a gramática de construções e o estudo da gramaticalização. Segundo Traugott (2008, p. 220): “Os contextos em que os itens lexicais sofrem gramaticalização têm frequentemente sido chamados de ‘construções’ na literatura e vistos como a fonte, assim como o resultado da gramaticalização”.

## **ANÁLISE**

Na análise, a construção *vá lá* foi encontrada como monitor social do tipo marcador epistemológico, e *vamos lá* como monitor social do tipo interativo e monitor textual do tipo regulador de turno.

Pretende-se demonstrar a existência de um *cline*, a fim de verificar um gradiente de usos de *vá lá* e *vamos lá*. Tal *cline* parte de usos mais concretos, em que os itens lexicais são mais autônomos já que tomados em seu sentido prototípico (verbo de movimento e pronome locativo adverbial), para usos mais abstratos com os itens lexicais unidos, formando um único sentido. Os primeiros são considerados *arranjos não-gramaticalizados* e os últimos, *construções*, no sentido de Goldberg (2006). Trata-se das trajetórias abaixo ilustradas.



### Vá lá e vamos lá – arranjo não gramaticalizado

Nesse estágio, enfocam-se os itens lexicais verbo e advérbio como palavras sintáticas e semanticamente autônomas, vistas, assim, como um arranjo não gramaticalizado. O verbo de movimento e o advérbio locativo são interpretados em seus usos prototípicos. O primeiro refere-se ao deslocamento de alguma coisa de um lugar para outro, e o segundo indica um espaço físico-concreto, como ilustrado a seguir:

(1) *Nós conhecemos a ilha hoje à tarde, pelas mãos do próprio Jean-Paul, no INFOLAB, numa telona full HD de 52 polegadas, e babamos. Vá lá e comprove* (CARVALHO, 2007).

(2) *Por isso, não admito a indiferença. Eu jogo tranca com a mãe da diretora da loja. Ela sempre me diz: “Vamos lá que eu te apresento uma vendedora e você vai ser tratada feito rainha”* (PINHEIRO, 2000).

Em (1) e (2), a posição tanto dos verbos quanto dos advérbios, em sequência, não os define como construções, visto que o sentido indicado pelo verbo *ir* nas duas situações é de deslocamento concreto no espaço, portanto pleno em sua origem. Com relação ao advérbio *lá*, em ambos os casos, indica um lugar físico.

O contexto em que se inserem os arranjos não gramaticalizados *vá lá* e *vamos lá* representa sequências expositivas. Tanto no *blog* quanto na reportagem, os produtores tencionam apresentar informações sobre um lugar específico, com o propósito de imprimir imparcialidade, o que revela reflexão, avaliação, exposição de ideias, uma forma de situar-se no conhecer. Ao constituir seus textos, os autores fazem uma escolha quanto à direção para abordar o assunto. Nesse primeiro

recorte, existe um viés argumentativo, porém, ao adequá-lo aos gêneros em questão, o autor precisa utilizar um grau de imparcialidade. É aí, então, que os sentidos originários se refletem na concretude verossímil da exposição.

### **Vá lá e vamos lá – abordagem construcional**

Na gramaticalização de *vá lá*, a presença do verbo *ir* na terceira pessoa do singular indica a crença e atitude do falante em relação à proposição. O verbo nessa pessoa do discurso direciona a atenção do destinatário àquilo que foi dito e funciona como um indicador da opinião do falante, expressando um comentário modalizador. Em *vamos lá*, a presença do mesmo verbo na primeira pessoa do plural parece demonstrar um exemplo mais acentuado da transição e complementaridade dos mecanismos de subjetificação e intersubjetificação, já que o verbo nessa pessoa do discurso demonstra uma integração maior entre falante e ouvinte.

Essa percepção se deve exatamente ao fato de que, no mecanismo de subjetificação, o falante demonstra e codifica suas perspectivas, e, na intersubjetificação, estas apontam para o ouvinte. A utilização do verbo *ir* nessa pessoa do discurso evidencia o compartilhamento de ideias e atitudes. Nesse sentido, o falante parece envolver o destinatário em sua argumentação de forma que o faça aderir a ela por meio de uma sequência tipológica exortativa.

Além da questão da atitude e da propriedade cognitiva da linguagem advinda da diáde falantes-ouvintes, a pressão que se estabelece nos contextos discursivos para que as trocas conversacionais sejam pautadas no princípio de informatividade ou relevância leva à convencionalização das implicaturas conversacionais, que se tornam, pela frequência de uso, formas de expressão rotinizadas de uma comunidade linguística.

Os dados apresentados a seguir são considerados exemplos representativos da distinção que pretendemos fazer em relação à codificação das marcas de subjetificação e intersubjetificação.

(3) *Parece que a revista People perdeu o foco em sua última lista de mais-mais que ela sempre inventa. Afinal, o que dizer das amigas Lindsay Lohan e Nicole Richie (1), eleitas como as mais descoladas? Fossem as mais antipáticas, vá lá* (PASCOWITCH, 2005).

(4) *Sim, na linguagem do Senado a “nobreza” pode vir junto com a “mentira”, a “excelência” com a “culpa”, mas vamos lá – isto não é defeito, mas virtude* (TOLEDO, 2001).

No caso de *vá lá* (3), parece ficar claro que o verbo na terceira pessoa do singular apresenta um caráter maior de subjetificação, já que, conforme comentamos anteriormente, tende a demonstrar e codificar a perspectiva e atitude do falante que se manifestam por meio das relações comunicativas. Em (4), o verbo na primeira pessoa do plural movimenta o foco para o ouvinte, ou seja, o falante passa a codificar significados em relação às atitudes do ouvinte. A veracidade da proposição e a postura argumentativa, objetivando o envolvimento do destinatário em seu ponto de vista, são fatores que indicam os mecanismos de intersubjetificação inerentes às mudanças semânticas.

Com relação aos mecanismos metonímicos, podemos pensar em uso convencionalizado das construções, já que suas interpretações foram sugeridas por meio de inferências feitas com base no contexto. Percebe-se que, ao se rotinizarem, ambas as construções passam a fortalecer sua expressividade nessas situações discursivas, convencionalizando as implicaturas conversacionais.

Segundo os dados levantados, a construção com *vamos* atua como uma forma linguística sistematizada para exprimir a parceria de pontos de vista entre o falante e o ouvinte, caso típico de texto argumentativo e exortativo. Na construção *vá lá*, a intenção é persuadir o destinatário na medida em que o produtor expressa sua opinião. Na unidade *vamos lá*, o produtor tenciona fazer o destinatário concordar e assumir o seu ponto de vista.

### ***Vá lá – monitor metalinguístico: marcador epistemológico***

Propomos um *cline* para *vá lá* que vai de um arranjo não gramaticalizado a uma construção do tipo monitor metalinguístico; nessa classificação, a unidade funciona como marcador epistemológico. Segundo Erman e Warren (2000), esse tipo de unidade expressa um comentário metalinguístico sobre a proposição, e, como marcador epistemológico, tal comentário está ligado à crença do falante na proposição. Os dados retirados do *corpus* parecem ratificar tal afirmação, como o fragmento (5) apresentado a seguir:

(5) *Só isso. Ainda que, vá lá, os tradicionais adversários tivessem se juntado em Belo Horizonte, que, ao menos, tal união tivesse honrado a política com uma liderança real* (AZEVEDO, 2008).

Em (5), observamos a construção *vá lá* que, a partir de um sentido fundado em situações extralinguísticas, se desloca para outro fundado na expressão do falante. Esse sentido expressivo se embasa numa atitude mais pessoal ao contrário do proposicional, que corresponderia a uma atitude menos pessoal. Nesse estágio, a atitude do falante exprime sua subjetividade com respeito à situação discursiva ancorada no contexto, portanto o mecanismo de subjetificação está atuando na convencionalização da unidade.

No caso de (5), percebe-se uma função modalizadora, típica de comentário pessoal, ortograficamente marcada pelas vírgulas, que se sumariza no gradiente *deslocamento no espaço (emissor) > deslocamento na expresividade (opinião)*. O contexto específico formado pelo gênero *blog* e a sequência tipológica argumentativa favorecem a rotinização da construção numa função particular. Em termos de metaforização, o deslocamento do sentido mais referencial para um mais expressivo exprime transferência entre domínios. Assim, tanto a forma verbal *vá* quanto o locativo *lá*, ao contrário de (1), não exprimem seus sentidos prototípicos.

### ***Vamos lá – monitor textual: regulador de turno > monitor social: interativo***

A seguir, expomos dois dados em que *vamos lá* se apresenta como construção em dois estágios distintos de gramaticalização:

## a) Monitor textual = regulador de turno

(6) I: *sim mas ...o entrevistado sou eu ...*

E: *é verdade...vamos lá... a parte do mar tá acabado?*

I: *é...*

E: *you vai mexer agora só no céu? (D&G-Natal).*

## b) Monitor social = interativo

(7) *Já deu para entender o bastidor deste negócio de US\$ 700 bilhões, não? A questão complica na hora em que se define o papel de cada um. Vamos lá: quem decide quais papéis comprar? O Secretário ( Veja on line).*

Partindo dos mecanismos de subjetificação e intersubjetificação, podemos perceber a convencionalização da construção *vamos lá* em determinados contextos de uso cuja manifestação do falante, seu ponto de vista com relação à proposição, torna-se mais expressiva e, portanto, mais subjetiva. Como tal processo é entendido pragmaticamente, o destinatário passa a ser focado na construção de forma a demonstrar a atitude do falante em relação a ele. Essa verificação pode ser realizada a partir de determinados usos e de tipologias textuais em que se inserem. A polissemia da construção sugere nuances de sentido que conduzem a reinterpretção contextual a partir de inferências sugeridas que se rotinizam e se convencionalizam, codificando novos significados, fenômeno explicado mais adequadamente em termos de metonímia. A metaforização é percebida por meio da operação entre os domínios conceituais, levando um sentido concreto a um abstrato em termos de uma macroestrutura, na derivação *deslocamento no espaço (emissor) > deslocamento na vontade (intenção)*.

Em (6) e (7), *ir* não apresenta mais seu sentido concreto de movimento, tampouco um sentido mais abstrato de tempo como é utilizado em diversas perifrases verbais, e *lá* também está mais abstratizado, uma vez que não indica um lugar determinado. Em (6), como regulador de turno, *vamos lá* reflete um abstratização de seus itens em prol de um único sentido, o verbo *ir* não indica deslocamento no espaço mas nos turnos conversacionais, e o locativo *lá*, indicando um lugar no texto dito ou a dizer, não caracteriza lugar concreto. Já em (7), a marca interacional é maior ainda, com a construção mais “descolada” do contexto gramatical, no cumprimento de papel pragmático.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, R. Segundo turno em Belo Horizonte. *VEJA on-line*, 2008. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/>>. Acesso em: 21 jun. 2009.

BONINI, A. A noção de seqüência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros, teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2004. Disponível em: <[http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9781405127479\\_chunk\\_g978140512747921](http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9781405127479_chunk_g978140512747921)>. Acesso em: 8 jul. 2009.

CARVALHO, S. *Info*. 2007. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/blogs/internetbuzz/page/28/>>. Acesso em: 15 jan. 2010. Blog.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

ERMAN, B.; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. In: KLEIN, W. (ed.). *Linguistics: an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2000, p. 29-62.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001. v. 1.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. et al. (Org.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELOTTA, M. E. Funcionalismo. In: WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E.; CEZÁRIO, M. M. *Linguística: fundamentos*. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2006.

MARTELOTTA, M. E. et al. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

PASCOWITCH, J. Miopia. *Época*, São Paulo, ed. 382, 2005. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993EPT1031836-1879-3,00.html>>. Acesso em: 21 jan. 2009. Artigo de opinião.

PINHEIRO, D. Como eles gastam: na loja de roupas mais cara do Brasil, a Daslu, uma fivela de cabelo pode custar o preço de uma geladeira. *VEJA*, São Paulo, ano 33, n. 28, 2000. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/120700/p\\_108.html](http://veja.abril.com.br/120700/p_108.html)>. Acesso em: 15 jan. 2010.

TOLEDO, R.P. de. Razões para amar o Congresso. *VEJA*, ed. 1699, 2001. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/090501/pompeu.html>>. Acesso em: 27 jan. 2010. Artigo de opinião.

TRAUGOTT, E. C. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2004. Disponível em: <[http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9781405127479\\_chunk\\_g978140512747922](http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9781405127479_chunk_g978140512747922)>. Acesso em: 8 jul. 2009.

\_\_\_\_\_. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (Ed.). *Variation, selection, development – probing the evolutionary model of language change*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VOTRE, S. J.; MARTELOTTA, M. E.; CEZÁRIO, M. M. da C. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004. v. 1.

TEIXEIRA, A. C. M.; OLIVEIRA, M. R. de. The grammaticalization of the constructions *vá lá* and *vamos lá*. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 12, n. 1 p. 70-79, 2010.

*Abstract: In this article we analyze the gramaticalization of the “vá lá” and “vamos lá” in specific contexts, whose main linking meaning and form between verb and locative constitutes is a most basic unit – a construction – from the perspective of Goldberg (1995, 2006) and Croft (2001). Combine, thus, the approach of the gramaticalization and language change to the one of the constructions theories from the routinization of these usage patterns, aiming at to the one formation cline of semantic-syntactic integration.*

*Keywords: grammaticalization; constructions; language change.*